

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalent

Ano LI, número 37 (2.662)

Cidade do Vaticano

terça-feira 15 de setembro de 2020

No Angelus o apelo de Francisco depois das manifestações populares das últimas semanas em várias partes do mundo

Os governos ouçam a voz dos cidadãos mas os protestos sejam pacíficos

E expressou solidariedade aos refugiados de Lesbos e convidou à generosidade com a Terra Santa



favor do diálogo e da reconciliação». O tema «do perdão e da reconciliação», esteve no centro da reflexão do bispo de Roma antes da prece mariana recitada da janela do estúdio particular do Palácio apostólico do Vaticano. Comentando o Evangelho do dia, o Papa refletiu sobre a parábola do rei misericordioso (Mateus 18, 21-35).

Por fim, saudando os vários grupos presentes, Francisco “voltou” com o pensamento a dois lugares que lhe são particularmente queridos. O primeiro é o campo de refugiados de Moria, na ilha grega de Lesbos, devastado por uma série de incêndios que deixaram «milhares de pessoas sem abrigo, mesmo precário». E precisamente recordando a sua visita de 16 de abril de 2016, expressou «solidariedade e proximidade a todas as vítimas». O segundo é a Terra Santa, pois «devido à situação de pandemia, este ano a tradicional Coleta» a ela dedicada «foi adiada de Sexta-feira Santa para hoje». Ela «é ainda mais um sinal de esperança e de solidária proximidade aos cristãos» da Terra Santa, explicou o Pontífice, exortando a realizar «uma peregrinação espiritual a Jerusalém» e a fazer «um gesto de generosidade por aquelas comunidades».

Preocupado com «as numerosas manifestações populares de protesto», que nestas semanas em todo o mundo «expressam o crescente mal-estar da sociedade civil face a situações políticas e sociais de particular vulnerabilidade», no final do Angelus de 13 de setembro o Papa Francisco

fez um duplo apelo a manifestantes e governantes: aos primeiros pediu que «façam presentes as suas instâncias de maneira pacífica, sem ceder à tentação da agressividade e da violência»; e a quantos «desempenham responsabilidades públicas» pediu que ouçam «a voz dos seus concida-

dãos» e vão ao «encontro das suas justas aspirações, garantindo o pleno respeito dos direitos humanos e das liberdades civis». Em seguida, o Pontífice indicou um terceiro interlocutor, ou seja, as comunidades eclesiais que vivem nesses contextos, convidando-as «a engajar-se a

PÁGINA 12

Carta circular da Congregação para a educação católica

Voltar a pôr no centro o relacionamento com a pessoa concreta e real

PÁGINA 4

Mensagem aos participantes no Fórum da “European House - Ambrosetti”

A economia como “cuidado” ao serviço do homem

PÁGINA 5

Conversa com o cardeal Jean-Claude Hollerich, presidente da Comece

Por isso estamos a sufocar

PÁGINA 9

Um volume sobre a assembleia geral de 2018



Ao redor do fogo vivo do Sínodo sobre os jovens

Foi publicado nestes dias o livro do salesiano Rossano Sala Pastoral juvenil 2. Ao redor do fogo vivo do Sínodo. Educar para a vida boa do Evangelho, no qual estão recolhidos contributos sobre as temáticas da pastoral juvenil da Igreja à luz de quanto emergiu dos trabalhos da décima quinta

assembleia geral ordinária do Sínodo dos bispos, que teve lugar em outubro de 2018.

Publicamos o «Convite à leitura» escrito pelo Papa Francisco para o livro.

PÁGINAS 6 E 7

A uma representação de participantes na iniciativa “We Run Together”

Um desporto inclusivo capaz de curar as feridas

Francisco recebeu em audiência, na manhã de 5 de setembro na Biblioteca particular, uma representação dos participantes na iniciativa desportiva e solidária “We Run Together”, promovida pela Athletica Vaticana — com o Pátio dos Gentios, Le Fiamme Gialle e Fidal Lazio — a favor dos hospitais de Bérgamo e Bréscia. A iniciativa foi lançada pelo Papa a 20 de maio. O grupo estava acompanhado pelo cardeal Gianfranco Ravasi, presidente do pontifício Conselho para a cultura, que na sua saudação ao Papa falou sobre a gratuidade e a beleza de dar mais do que receber, inclusive no desporto.

Estimadas amigas e prezados amigos desportivos, bom dia outra vez!

Juntos, a 20 de maio, lançamos a iniciativa desportiva de solidariedade *We Run Together*, como apoio e agradecimento por duas realidades na linha da frente na assistência aos doentes de coronavírus: o Hospital João XXIII em Bérgamo e a Fundação “Poliambulanza” em Bréscia. Hoje está presente uma representação dos seus funcionários. Bem-vin-

dos! E, saudando-vos, saúdo todos os vossos colegas na Itália e em todo o mundo, que trabalham com sacrifício ao lado dos doentes. Deus vos conceda mérito pelo vosso empenho!

E hoje gostaria de agradecer também a muitos atletas de vários países, que ofereceram diversos artigos desportivos para o leilão de solidariedade. Fiquei muito satisfeito por saber que alguns atletas abriram



também a porta da própria casa para a alegria de um encontro direto. E isto é importante: abrir a porta de casa significa abrir o próprio coração. É um sinal [para dizer]: “Abro-te o coração!”.

Com efeito, a iniciativa *We Run Together* reuniu no mesmo nível de dignidade humana e desportiva campeões famosos e outros campeões que sofrem de uma deficiência e, por isso, honram o desporto. Um desporto inclusivo e fraternal, também capaz de curar feridas, edificar pontes, construir a amizade social. Esta, especialmente para os jovens, é uma mensagem eloquente. E um verdadeiro desporto tem sempre esta dimensão de amorosismo, o *amateur*... É gratuito. O Cardeal [Ravasi] pro-

nunciou a palavra “gratuidade”. É próprio do desporto *amateur*.

Fico contente por que vós, da “Athletica Vaticana” levais em frente este modo de viver o desporto. Continuai assim! E espero que, quando for possível, possais realizar o Encontro que estava marcado para a primavera passada, em colaboração com a Guarda fiscal, o “Pátio dos Gentios” e a Fidal Lazio. Entretanto, tenho o prazer de vos oferecer, num novo livro da Libreria Editrice Vaticana, algumas das minhas intervenções sobre o tema do desporto.

Obrigado a todos pelo que fazeis e por este encontro. Com a ajuda de Deus, *we run together*, corremos juntos em prol da fraternidade e da dignidade humana. Obrigado!

Novo embaixador da Bélgica apresentou credenciais

Na manhã de sexta-feira, 4 de setembro, o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Ex.ª o senhor Patrick Renault, novo embaixador da Bélgica, por ocasião da apresentação das Cartas com as quais é acreditado junto da Santa Sé



Sua Ex.ª o Sr. Patrick Renault, novo embaixador da Bélgica junto da Santa Sé, nasceu em Rabat, Marrocos, a 22 de setembro de 1960. É casado e tem um filho. Formado em direito e em direito europeu (Université Catholique de Louvain – b), estudou línguas e direito chinês em Pequim. Desempenhou os seguintes cargos: professor no Instituto de relações internacionais de Pequim (1986), estagiário no ministério dos Negócios estrangeiros (1987-1989), primeiro-secretário de embaixada no Paquistão, encarregado para o Afeganistão (1989-1992); vice-porta-voz adjunto do ministério dos Negócios estrangeiros (1992-1994); conselheiro da embaixada na Itália para questões económicas e financeiras (1994-1996); cônsul-geral na China, em Shanghai (1996-1997); vice-chefe de gabinete do vive-primeiro-ministro, ministro das Finanças e do Comércio estrangeiro (1997-1998); cônsul-geral na Austrália (1998-2002); embaixador no Paquistão e no Afeganistão (2002-2006); diretor de imprensa e comunicação do ministério dos Negócios estrangeiros (2006-2008); conselheiro diplomático do vice-primeiro-ministro, ministério do Trabalho e da Igualdade de Oportunidades (2008-2009); embaixador na Austrália, Nova Zelândia e Ilhas do Pacífico (2009-2013); embaixador na Argentina, Uruguai e Paraguai (2013-2017); diretor da mídia e da comunicação no Palácio real (2017-2018); diretor do serviço económico mundial, cyber diplomacia, luta contra a criminalidade organizada, financiamento do terrorismo e da corrupção, no ministério dos Negócios estrangeiros (2018-2020).

Credenciais da nova embaixadora da Austrália

Na manhã de 27 de agosto, o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência a senhora Chiara Porro, nova embaixadora da Austrália, por ocasião da apresentação das Cartas com as quais foi acreditada junto da Santa Sé



Sua Excelência a senhora Chiara Porro, nova embaixadora da Austrália junto da Santa Sé, nasceu a 30 de julho de 1984, é casada e tem dois filhos.

Licenciou-se em Política, Filosofia e Economia (University of York, Grã-Bretanha, 2005) e obteve um mestrado em Relações internacionais e diplomáticas (University of Leiden, Países Baixos, 2007).

Desempenhou os seguintes cargos: funcionária do ministério dos Negócios estrangeiros e do Comércio (MNE) (2009); segunda secretária, High Commission, Índia (2011-2014); executive officer para a África Oriental e Central, MNE (2014); executive officer, Ebola Taskforce, MNE (2014-2015); vice-diretora, secção de Orçamento e Programação dos recursos financeiros, MNE (2015-2016); conselheira, secção Internacional, Gabinete do primeiro-Ministro (2016-2018); vice-consulesa-geral no Consulado geral em Nouméa, Nova Caledónia (2018-2020); diretora, secção de Ligação ministerial, MNE (2020).

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicumque suum. Non praevalent

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39066989420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +39066989480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora Santuário, Televendas: 0800016004 ou 00551231042000. E-mail: sac@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

CATEQUESE

Não prevaleçam os interesses de parte na busca da vacina

É possível uma boa política ao serviço do bem comum

Uma «boa política» que ponha a pessoa e o bem comum no centro» é «possível, aliás, indispensável», afirmou o Papa Francisco na audiência geral de 9 de setembro, continuando as suas catequeses dedicadas à necessidade de curar o mundo em tempos de pandemia. Como na semana passada, o encontro teve lugar no pátio de São Dâmaso do Palácio apostólico com a presença dos fiéis. Depois da leitura do trecho de Mateus (15,32-37), o Pontífice desenvolveu a seguinte reflexão, sobre o tema «Amor e bem comum».

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

A crise que estamos a viver devido à pandemia atinge todos; podemos sair dela melhores se todos juntos procurarmos o bem comum; caso contrário sairemos piores. Infelizmente, estamos a assistir ao surgimento de interesses de parte. Por exemplo, há quem deseje apropriar-se de possíveis soluções, como no caso das vacinas e depois vendê-las aos outros. Algumas pessoas aproveitam-se da situação para fomentar divisões: para procurar vantagens económicas ou políticas, gerando ou aumentando os conflitos. Outros simplesmente não se importam com o sofrimento alheio, passam adiante e seguem o seu caminho (cf. *Lc* 10, 30-32). São os devotos de Pôncio Pilatos, lavam as mãos.

A resposta cristã à pandemia e às consequentes crises socioeconómicas baseia-se no amor, antes de tudo, no amor de Deus que sempre nos precede (cf. *1 Jo* 4, 19). Ele ama-nos primeiro. Ele precede-nos sempre no amor e nas soluções. Ele ama-nos incondicionalmente, e quando aceitamos este amor divino, então podemos responder de forma semelhante. Amo não só aqueles que me amam: a minha família, os meus amigos, o meu grupo, mas também aqueles que não me amam, amo inclusive os que não me conhecem, amo também os que são estrangeiros, e até aqueles que me fazem sofrer ou que considero inimigos (cf. *Mt* 5, 44). Esta é a sabedoria cristã, esta é a atitude de Jesus. E o ponto mais elevado da santidade, digamos assim, é amar os inimigos, e não é fácil. Claro, amar todos, inclusive os inimigos, é difícil – diria que é uma arte! Mas é uma arte que pode ser aprendida e melhorada. O verdadeiro amor, que nos torna fecundos e livres, é sempre expansivo e inclusivo. Este amor cuida, cura e faz bem. Muitas vezes faz melhor uma carícia do que muitas argumentações, uma carícia de perdão e não muitas palavras de defesa. É o amor inclusivo que cura.

Portanto, o amor não se limita às relações entre duas ou três pessoas, amigos, ou família, vai além. Inclui as relações cívicas e políticas (cf. *Catecismo da Igreja Católica [CIC]*, 1907-1912), incluindo a relação com a natureza (*Enc. Laudato si' [LS]*, 231). Dado que somos seres sociais e políticos, uma das mais altas expressões de amor é precisamente o amor social e político, que é decisivo para o desenvolvimento humano e para enfrentar qualquer tipo de crise (*ibid.*, 231). Sabemos que o amor fecunda famílias e amizades; mas é bom lembrar que também fecunda relações sociais, culturais, económicas e políticas, permitindo-nos construir uma “civilização do amor”, como gostava de dizer São Paulo VI (*Mensagem para o Décimo Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 1977: *AAS* 68 [1976], 709) e, na esteira, São João Paulo II. Sem esta inspiração, a cultura do egoísmo, da indiferença, do descarte, prevalece, ou seja, descartar aquilo de que eu não gosto, o que eu não posso amar ou aqueles que na minha opinião são inúteis na sociedade. Hoje, à entrada, um casal disse-me: “reze por nós porque temos um filho deficiente”. Perguntei: “quantos anos tem? – muitos – e o que fazeis? – nós acompanhamo-lo, ajudamo-lo”. Uma vida inteira dos pais para aquele filho deficiente. Isto é amor. E os inimigos, os adversários políticos, segundo a nossa opinião, parecem ser deficientes políticos e sociais, mas parecem. Só Deus sabe se o são ou não. Mas nós devemos amá-los, devemos dialogar, devemos construir esta civilização do amor, esta civilização política, social, da unidade de toda a humanidade. Tudo isto é o oposto de guerras, divisões, invejas, até das guerras em família. O amor inclusivo é social, é familiar, é político: o amor permeia tudo!

O coronavírus mostra-nos que o verdadeiro bem para cada um é um bem comum, não só individual e, vice-versa, o bem comum é um verdadeiro bem para a pessoa (cf. *CIC*, 1905-1906). Se alguém procura ape-



nas o próprio bem é um egoísta. Ao contrário, a pessoa é mais pessoa quando abre o próprio bem a todos, o partilha. A saúde não é apenas individual, mas também um bem público. Uma sociedade saudável é aquela que cuida da saúde de todos.

Um vírus que não conhece barreiras, fronteiras, distinções culturais nem políticas deve ser enfrentado com um amor sem barreiras, fronteiras nem distinções. Este amor pode gerar estruturas sociais que nos encorajam a partilhar em vez de competir, que nos permitem incluir os mais vulneráveis em vez de os descartar, e que nos ajudam a expressar o melhor da nossa natureza humana e não o pior. O verdadeiro amor não conhece a cultura do descarte, não sabe o que isso é. De facto, quando amamos e geramos criatividade, quando geramos confiança e solidariedade, então emergem iniciativas concretas para o bem comum (Cf. S. João Paulo II, *Enc. Sollicitudo rei socialis*, 38). E isto é verdade tanto a nível de pequenas e grandes comunidades como a nível internacional. Aquilo que se faz em família, no bairro, na aldeia, na grande cidade e internacionalmente é o mesmo: é a mesma semente que cresce e dá fruto. Se tu, em família, no bairro, começas com a inveja, com a luta, no final haverá a “guerra”. Ao contrário, se começas com o amor, a partilhar o amor, o perdão, então haverá o amor e o perdão para todos.

Pelo contrário, se as soluções para a pandemia tiverem a marca do egoísmo, quer de pessoas, empresas ou nações, talvez consigamos sair do coronavírus, mas certamente não da crise humana e social que o vírus evidenciou e acentuou. Portanto, prestai atenção a não construir sobre a areia (cf. *Mt* 7, 21-27)! Para construir uma sociedade saudável, inclusiva, justa e pacífica, te-

mos que o fazer sobre a rocha do bem comum (*ibid.*, 10). O bem comum é uma rocha. E esta é a tarefa de todos nós, e não apenas de alguns especialistas. São Tomás de Aquino disse que a promoção do bem comum é um dever de justiça que recai sobre todos os cidadãos. Cada cidadão é responsável pelo bem comum. E, para os cristãos, é também uma missão. Como ensina Santo Inácio de Loyola, orientar os nossos esforços diários para o bem comum é uma forma de receber e difundir a glória de Deus.

Infelizmente, a política muitas vezes não goza de boa reputação, e nós sabemos porquê. Isto não significa que todos os políticos são maus, não, não pretendo dizer isto. Digo apenas que infelizmente a política, com frequência, não goza de boa fama. Contudo, não nos devemos resignar a esta visão negativa, mas reagir demonstrando com factos que uma boa política é possível, aliás, indispensável (cf. *Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2019* [8 de dezembro de 2018]), aquela que coloca no centro a pessoa humana e o bem comum. Se leres a história da humanidade, encontrareis muitos políticos, santos, que percorreram este caminho. É possível na medida em que cada cidadão e, em particular, aqueles que assumem compromissos e encargos sociais e políticos, enraizem as suas ações em princípios éticos e as animam com amor social e político. Os cristãos, especialmente os fiéis leigos, são chamados a dar bom testemunho disto e podem fazê-lo através da virtude da caridade, cultivando a sua intrínseca dimensão social.

Por conseguinte, chegou o momento de incrementar o nosso amor social – desejo frisar isto: o nosso amor social – contribuindo todos, a começar pela nossa peque-

Proximidade e encorajamento nestes tempos difíceis

A Congregação para a educação católica, competente pela educação em geral, pelas escolas, pelas universidades católicas e eclesiais, assim como pelo acompanhamento de quantos estão comprometidos nos processos de formação das jovens gerações, partilhou com todas as instituições as enormes dificuldades vividas durante este ano, que viu a suspensão e o encerramento das atividades didáticas e acadêmicas.

Enquanto nalgumas partes do mundo recomeçam as atividades nas escolas e universidades, e noutras chegam à sua conclusão, com esta carta circular o dicastério da Santa Sé manifesta proximidade e encorajamento às famílias, aos professores e dirigentes, ao pessoal administrativo e, acima de tudo, aos estudantes.

A educação constitui uma extraordinária ocasião de relançamento da vida social e cultural de todas as sociedades, e é o melhor investimento para construir o futuro, formando as jovens gerações.

10 de setembro de 2020



Carta circular da Congregação para a educação católica às escolas, às universidades e às instituições de ensino

Voltar a pôr no centro o relacionamento com a pessoa concreta e real

A propagação da Covid-19 mudou profundamente a nossa existência e o nosso estilo de vida: «Revemo-nos temerosos e perdidos. A semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda».¹ Para além das dificuldades de saúde, acrescentaram-se inclusive as económicas e sociais. Os sistemas educativos do mundo inteiro sofreram com a pandemia, quer a nível escolar quer académico. Em toda a parte procurou-se assegurar uma resposta rápida mediante plataformas digitais para o ensino à distância, cuja eficácia no entanto foi condicionada por uma acentuada disparidade de oportunidades educacionais e tecnológicas. Segundo alguns dados recentes, divulgados por agências internacionais, nos próximos anos aproximadamente dez milhões de crianças não poderão ter acesso à educação, aumentando a lacuna educacional já existente.

A isto adiciona-se a dramática situação de escolas e universidades católicas que, sem o apoio económico do Estado, correm o risco de encerramento ou de uma contração radical. Entretanto, também neste caso as instituições educacionais católicas (escolas e universidades) souberam tornar-se linha de vanguarda na preocupação pelo ensino, colocando-se ao serviço da comunidade eclesial e civil, garantindo um serviço público educativo e cultural em benefício da comunidade inteira.

Educação e relação

Neste contexto, infelizmente ainda descontrolado em várias regiões do mundo, surgiram alguns desafios. Antes de mais nada, o ensino à distância – embora necessário neste momento extremamente crítico – demonstrou que o ambiente educativo feito de pessoas que se encontram, interagindo diretamente e “em presença”, não constitui simplesmente um contexto acessório à atividade educativa, mas a própria substância daquela relação de intercâmbio e de diálogo (entre professores e alunos), indispensável para a formação da pessoa e para a compreensão crítica da realidade. Nas classes, nas salas

de aula e nos laboratórios crescemos juntos e construímos uma identidade de relacionamento. Em todas as fases da vida, mas sobretudo na infância, na adolescência e início da idade adulta, o processo de crescimento psicopedagógico não pode verificar-se sem o encontro com os outros, e a presença do outro dá origem às condições necessárias para o florescimento da criatividade e da inclusão. No campo da investigação científica, da pesquisa académica e, em geral, da atividade didática, as relações interpessoais constituem o “lugar” onde a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade sobressaem como critérios culturais fundamentais para limitar os riscos de fragmentação e desintegração do saber, assim como para a abertura deste mesmo saber à luz da Revelação.

A formação dos educadores

A ampla difusão e a persistência da pandemia ao longo do tempo suscitou uma sensação generalizada de incerteza até nos professores e nos educadores. A sua inestimável contribuição – profundamente alterada durante os anos, tanto do ponto de vista social como técnico – deve ser corroborada através de uma sólida educação contínua, que saiba satisfazer as necessidades dos tempos, sem extraviar aquela síntese entre fé, cultura e vida, que representa a pedra angular peculiar da missão educacional implementada na escola e na universidade católica. Os professores têm muitas responsabilidades e o seu compromisso deve transformar-se cada vez mais em ação real, criativa e inclusiva. É graças a eles que se alimenta um espírito de fraternidade e partilha, não apenas com os alunos, mas também entre as gerações, as religiões e as culturas, bem como entre o homem e o meio ambiente.

A pessoa no centro

A fim de que isto se realize, é necessário colocar sempre no centro da ação educacional o relacionamento com a pessoa concreta e entre as pessoas reais que formam a comuni-

dade educativa; relacionamento que não consegue encontrar espaço suficiente na interação mediada por um monitor, nem nas ligações impessoais da rede digital. A pessoa concreta e real é a própria alma dos processos educativos formais e informais, assim como fonte inesgotável de vida, em virtude da sua natureza essencialmente relacional e comunitária, o que comporta sempre a dupla dimensão vertical (aberta à comunhão com Deus) e horizontal (comunhão entre os homens). A educação católica – inspirando-se na visão cristã da realidade em todas as suas expressões – visa a formação integral da pessoa, chamada a viver de maneira responsável uma vocação específica em solidariedade com os outros homens.

Num mundo, em que «tudo está intimamente relacionado»,² sentimo-nos unidos na busca – segundo a antropologia cristã – de novos percursos de formação, que nos permitam crescer juntos, recorrendo aos instrumentos relacionais que nos são proporcionados pela tecnologia de hoje, mas sobretudo abrindo-nos à insubstituível escuta sincera da voz do próximo, dando tempo para uma comum reflexão e planificação, valorizando as narrações pessoais e os projetos compartilhados, os ensinamentos da história e a sabedoria das gerações passadas. Num semelhante processo de formação na relação e na cultura do encontro, até a “casa comum”, com todas as criaturas, adquire espaço e valorização, uma vez que as pessoas, precisamente enquanto se formam para a lógica da comunhão e da solidariedade, já trabalham «para recuperar a harmonia serena com a criação»,³ e para configurar o mundo como «espaço de verdadeira fraternidade» (cf. *Gaudium et spes*, 37).

O serviço como fim

A situação atual salientou vigorosamente a exigência de um pacto educativo cada vez mais comunitário e compartilhado que – haurindo força do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja – contribua em sinergia generosa e aberta para a difusão de

uma autêntica cultura do encontro. Por isso, as escolas e as universidades católicas são chamadas a formar pessoas dispostas a colocar-se ao serviço da comunidade. Com efeito, no serviço podemos experimentar que há mais alegria em dar do que em receber (cf. *At* 20, 35) e que o nosso tempo já não pode ser o da indiferença, dos egoísmos e das divisões: «O mundo inteiro está a sofrer e deve sentir-se unido ao enfrentar a pandemia», pois «o desafio que enfrentamos nos une a todos e não faz distinção de pessoas».⁴ A formação no serviço à sociedade para a promoção do bem comum chama todos a «unir esforços numa ampla *aliança educativa* para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna».⁵

Trabalhar em rede

A prova de que «a pandemia pôs em evidência quanto vulneráveis e interligados estamos todos nós»⁶ apela às instituições educacionais – católicas e não católicas – a fim de que contribuam para a realização de uma aliança educativa que, como num movimento de grupo, tenha por finalidade «encontrar o passo comum para reavivar o compromisso pelas e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e compreensão mútua».⁷ Isto pode ser favorecido por uma rede de cooperação mais integrada, que se configura como ponto de partida para estabelecer e compartilhar alguns objetivos irrenunciáveis para os quais convergir – de modo criativo e concreto – modelos de convivência alternativos em relação àqueles de uma sociedade massificada e individualista.⁸ Trata-se de uma responsabilidade ampla e aberta a todos aqueles que se preocupam com a construção de um renovado projeto educativo a longo prazo, assente em instâncias éticas e normativas comuns. Uma contribuição valiosa pode ser oferecida pela

Mensagem do Papa aos participantes no Fórum da “European House - Ambrosetti” em Cernobbio

A economia como “cuidado” ao serviço do homem

«Perante um futuro que parece incerto e difícil», a economia «pode tornar-se uma expressão de “cuidado”, que não exclui mas inclui, não mortifica mas humaniza aos ídolos das finanças, não gera violência nem desigualdade, não usa o dinheiro para dominar», escreveu o Papa numa mensagem enviada aos participantes no Fórum da “European House – Ambrosetti”, que se realizou na Villa d’Este, Cernobbio (Itália), de 4 a 5 de setembro.

Ilustres Senhoras e Senhores!

Saúdo com amizade todos vós, participantes no Fórum da *European House – Ambrosetti*. Este ano, o confronto sobre questões importantes relacionadas com a sociedade, a economia e a inovação exige um compromisso extraordinário, para enfrentar os desafios causados ou tornados mais agudos pela emergência sanitária, económica e social.

A partir da experiência da pandemia, todos aprendemos que ninguém se pode salvar sozinho. Tocamos a fragilidade que nos marca e nos une. Compreendemos melhor que cada escolha pessoal recai sobre a vida do próximo, daqueles que estão ao nosso lado mas também dos que, fisicamente, estão do outro lado do mundo. Fomos forçados pelos acontecimentos a olhar para o rosto da nossa pertença mútua, o nosso ser irmãos numa casa comum. Não tendo sido capazes de nos tornarmos solidários no bem e na partilha de recursos, vivemos a solidariedade do sofrimento.

A nível cultural geral, esta provação ensinou-nos muito mais. Mostrou-nos a grandeza da ciência, mas também os seus limites; desafiou a escala de valores que coloca o dinheiro e o poder no ápice; repropôs – permanecendo juntos em casa, pais e filhos, jovens e idosos – as dificuldades e as alegrias das relações; forçou-nos a passar sem o superfluo e a ir ao essencial. Abateu as frágeis motivações que sustentavam um certo modelo de desenvolvimento. Diante de um futuro que parece incerto e difícil, especialmente a nível social e económico, somos convidados a viver o presente discernindo o que permanece do que passa, o que é necessário do que não o é.

Nesta situação, a *economia*, no seu sentido humanista de “lei da casa do mundo”, é um campo privilegiado devido à sua estreita ligação com as situações reais e concretas de cada homem e mulher. Pode tornar-se uma expressão de “cuidado”, que não exclui mas inclui, não mortifica mas anima, não sacrifica a dignidade do homem aos ídolos das finanças, não gera violência nem desigualdade, não usa o dinheiro para dominar mas para servir (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 53-60). Na realidade, o lucro autêntico consiste numa riqueza a que todos têm acesso. «O que realmente possui é aquilo que sei



doar» (*Audiência geral*, 7 de novembro de 2018).

Na tragédia, que ainda é uma grave ameaça para a humanidade inteira, a ciência e a tecnologia não foram suficientes. O elemento decisivo foi o suplemento de generosidade e coragem, posto em ação por tantas pessoas. Isto impele-nos para fora do paradigma tecnocrático, entendido como a única ou predominante abordagem dos problemas. Paradigma marcado pela lógica do domínio sobre as coisas, no falso pressuposto de que «existe uma quantidade ilimitada de energia e de recursos a serem utilizados, que a sua regeneração seja possível de imediato e que os efeitos negativos das manipulações da ordem natural podem ser facilmente absorvidos» (Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 462; cf. Enc. *Laudato si'*, 106). No que diz respeito à natureza e, com mais razão, às pessoas, há necessidade de uma mudança de mentalidade que amplie o olhar e oriente a técnica, colocando-a ao serviço de outro modelo de desenvolvimento mais saudável, mais humano, mais social e mais integral.

É tempo de *discernimento*, à luz dos princípios da ética e do bem comum, em vista de um novo começo que todos nós desejamos. Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, faz uso frequente deste termo nos seus escritos, inspirando-se na grande tradição bíblica sapiencial e, sobretudo, nas palavras de Jesus de Nazaré. Cristo convidava os seus ouvintes, e hoje todos nós, a não se limitar ao aspeto externo dos fenómenos, mas a discernir sabiamente os sinais dos tempos. Pa-

tal, há dois componentes a considerar: a conversão e a criatividade.

Por um lado, trata-se de viver uma *conversão ecológica*, a fim de abrandar um ritmo desumano de consumo e de produção, de aprender a compreender e a contemplar a natureza, de restabelecer a ligação com o nosso ambiente real. Visando uma conversão ecológica da nossa economia, sem ceder à aceleração do tempo, dos processos humanos e tecnológicos, mas regressando a relações vividas e não consumidas.

Por outro, somos chamados a ser *criativos*, como artesãos, forjando caminhos novos e originais para o bem comum. E só podemos ser criativos se formos capazes de acolher o sopro do Espírito, que nos impele a ousar fazer escolhas maduras e novas, muitas vezes audazes, tornando-nos homens e mulheres intérpretes de um desenvolvimento humano integral, ao qual todos aspiramos. Trata-se da criatividade do amor, que pode restituir sentido ao presente, abrindo-o a um futuro melhor.

Para esta conversão e criatividade é indispensável formar e apoiar as novas gerações de economistas e empresários. Foi por isso que as convidei, de 19 a 21 de novembro próximo, para a Assis do jovem Francisco que, despojou de tudo «para escolher Deus como Estrela polar da sua vida, fazendo-se pobre com os pobres, irmão universal. Da sua escolha de pobreza brotou também uma visão da economia que permanece extremamente atual» (*Carta para o evento “Economy of Francesco”*, aos jovens economistas, empresários e empresárias do mundo inteiro, 1 de maio de 2019). É importante investir nas novas gerações, que são as pro-

tagonistas da economia de amanhã, para formar pessoas dispostas a colocar-se ao serviço da comunidade, da cultura do encontro. A economia atual, os jovens, os pobres, precisam antes de tudo da vossa humanidade, da vossa fraternidade respeitosa e humilde, e só depois do vosso dinheiro (cf. *Laudato si'*, 129; *Discurso aos participantes no encontro “Economia de Comunhão”*, 4 de fevereiro de 2017).

No vosso Fórum prepara-se também a organização de uma agenda para a *Europa*. Passaram setenta anos desde a declaração Schuman, de 9 de maio de 1950, que instituiu a forma embrionária da União Europeia. Hoje, mais do que nunca, a Europa é chamada a desempenhar um papel de liderança neste esforço criativo para superar os obstáculos do paradigma tecnocrático, alargado à política e à economia. Este esforço criativo é o da solidariedade, o único antídoto contra o vírus do egoísmo, muito mais poderoso do que a Covid-19. Se antes havia solidariedade na produção, hoje esta solidariedade deve ser estendida ao bem mais precioso: a pessoa humana. Ela deve ser posta no seu devido lugar, ou seja, no centro da educação, dos cuidados de saúde, das políticas sociais e económicas. Deve ser acolhida, protegida, acompanhada e integrada quando, em busca de um futuro de esperança, bater à nossa porta.

A *cidade do futuro* estará também no centro das vossas reflexões. Não é por acaso que, na Bíblia, o destino da humanidade encontra a sua realização numa cidade, a Jerusalém celestial descrita no livro do Apocalipse (caps. 21-22). Uma cidade de paz, como indica o seu nome, cujas portas estão sempre abertas a todos os povos; uma cidade à escala humana, formosa e luminosa; uma cidade de muitas nascentes e árvores; uma cidade hospitaleira, onde a doença e a morte são derrotadas. Este objetivo máximo pode mobilizar as melhores energias da humanidade na construção de um mundo melhor. Portanto, convido-vos a levantar o olhar e a ter ideais elevados e grandes aspirações.

Espero que estes dias de confronto sejam frutuosos: que ajudem a caminhar juntos, orientando na confusão de vozes e mensagens, prestando atenção a fim de que ninguém se perca. Encorajo-vos a dar mais um impulso na construção de renovadas formas de compreender a economia e o progresso, combatendo todas as marginalizações, propondo novos estilos de vida, dando voz àqueles que não a têm.

Concluo com um desejo que expresse através das palavras de um Salmo bíblico: «Esteja sobre nós a bondade do Senhor, nosso Deus. Confirmai sobre nós a obra das nossas mãos; sim, confirmai a obra das nossas mãos!» (90, 17).

Roma, São João de Latrão,
27 de agosto de 2020.

Francisco

UM LIVRO SOBRE A PASTORAL JUVENIL PARA EDUCAR NA VIDA BOA DO EVANGELHO

O Papa convida à leitura do volume dedicado à assembleia geral ordinária de 2018

Ao redor do fogo vivo do Sínodo sobre os jovens



«Hoje, é necessário como nunca entrar na escuta honesta das alegrias e das labutas de cada membro do povo de Deus e, de maneira especial, de cada jovem»

Recentemente foi publicado o livro do padre salesiano Rossano Sala «Pastorale giovanile 2. Intorno al fuoco vivo del Sinodo. Educare alla vita buona del Vangelo» (Turim, Ellelci, 2020, 608 páginas), que contém 32 contribuições articuladas em volta das temáticas relativas à pastoral juvenil da Igreja, à luz daquilo que sobressaiu dos trabalhos da XV assembleia geral ordinária do Sínodo do Vaticano de 3 a 28 de outubro de 2018 sobre o tema: «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional». Publicamos a seguir o «convite à leitura», escrito pelo Papa Francisco.

Sinto-me feliz por poder introduzir o texto *Pastoral juvenil 2. Ao redor do fogo vivo do Sínodo. Educar para a vida boa do Evangelho*, da autoria do estimado padre Rossano Sala, salesiano de dom Bosco.

Faço-o com prazer, como gesto de sincera gratidão pelo trabalho que — com o padre Giacomo Costa, S.J. — levou a cabo no Sínodo sobre os jovens como Secretário Especial. Lembrou-me muito bem do primeiro dia da Assembleia sinodal, a 3 de outubro de 2018, quando eu disse que, nos trabalhos preparatórios, tinham dei-

do próximo evento, a propósito do “pacto educativo global”.

A tarefa da teologia

À pergunta de um doutor da Lei que o quer pôr à prova, o Senhor responde com extrema clareza: «Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?». Jesus responde: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo é semelhante a este: Amarás o teu

como se vê da resposta do Senhor, os dois mandamentos mantêm-se ou decaem juntos e o destino da humanidade depende deles.

Por isso, a teologia não pode falar de Deus de forma abstrata, separando-o do mundo e das pessoas concretas, mas tem a tarefa de refletir sobre a ligação entre Ele e os homens, oferecendo motivos de vida e de esperança a todos. Não é teólogo quem não ama o povo de Deus, quem se para a sua obra da própria pertença aos fiéis, julgando-se superior à eles, e não ao seu serviço. Ao contrário, é absolutamente verdade que «as questões do nosso povo, as suas obras, batalhas, sonhos e preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos deveras levar a sério o princípio da encarnação» (Mensagem do Papa Francisco ao Congresso internacional de teologia na Pontifícia Universidade Católica Argentina, 1-3 de setembro de 2015).

Todos os bons teólogos, como todos os bons pastores, deveriam ter o cheiro das ovelhas, pois «teologia e pastoral caminham juntas. Uma doutrina teológica que não se deixa orientar nem plasmar pela finalidade evangelizadora e pelo cuidado pastoral da Igreja é tanto impensável quanto uma pastoral da Igreja que não saiba valorizar a revelação e a sua tradição, em vista de uma melhor compreensão e transmissão da fé» (Encontro com a comunidade académica do Pontifício Instituto “João Paulo II” para Estudos sobre Matrimónio e Família, 27 de outubro de 2016).

A intencionalidade pastoral é um elemento transversal de toda a reflexão teológica. Por outro lado, o teólogo não trabalha para si próprio, de forma autorreferencial, mas esforça-se sempre por edificar a Igreja, para oferecer uma refeição sólida a todos os membros do povo de Deus, mantendo sabidamente unidas a aventura da investigação e a tarefa de alimentar a fé do povo: por isso, «o teólogo tem de ir em frente, estudar o que vai além; enfrentar aspectos que não são claros e arriscar no debate. Isto, no entanto, entre teólogos. Mas ao povo de Deus é preciso oferecer a “refeição” substancial da fé, não alimentar o povo de Deus com o debate de questões. A dimensão do relativismo, por assim dizer, que está sempre presente no debate, deve permanecer entre os teólogos mas nunca deve ser levada ao povo, porque assim o povo perde a orientação e a fé. Ao povo, sempre a refeição substan-

cial que alimenta a fé» (cf. *Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional*, 29 de novembro de 2019).

O texto que aqui apresento, precisamente por ser o fruto de um entrelaçamento indissolúvel entre reflexão teológica e experiência pastoral, é mais do que recomendável. Certamente, a partir do conteúdo de cada ensaio, que o leitor poderá apreciar pessoalmente, aqui é oferecido sobretudo um modo adequado de proceder para fazer teologia no nosso tempo.

A necessidade do discernimento

Sem dúvida, passemos agora ao “nosso tempo”, que vivemos hoje, o único que nos é dado viver. Estou convicto: vivemos uma “mudança de época” deveras especial, o que pressupõe o amadurecimento de estilos relacionais apropriados e de competências específicas. Diria que as duas palavras-chave são “escuta” e “diálogo”.

Impressiona-me sempre a capacidade de escuta de Jesus. No início do episódio dos discípulos de Emaús, que orientou todo o percurso do Sínodo sobre os jovens, Jesus faz uma pergunta simples e depois permanece em silêncio e escuta. Ouve o coração dos dois discípulos desiludidos, presta atenção aos seus raciocínios, entra em empatia com os seus afetos. Se Jesus é verdadeiramente, como diz a *Evangelii nuntiandi*, «o primeiro e maior evangelizador» (n. 7), então devemos aprender dele. Sobretudo hoje, é necessário como nunca entrar na escuta honesta das alegrias e das labutas de cada membro do povo de Deus e, de maneira especial, de cada jovem. A Igreja no seu conjunto ainda tem muito trabalho a levar a cabo, pois com muita frequência, em vez de “peritos em humanidade”, passamos a ser considerados pessoas rígidas e incapazes de ouvir.

A escuta segue-se ao diálogo. Ele nasce da convicção de que no outro, naquele que está à nossa frente, existem sempre recursos da natureza e da graça. Que a vida é sempre uma questão de intercâmbio de dons, de dar e receber, de reciprocidade. É a lei da generosidade e do dom: somos amados primeiro mas, por nossa vez, somos chamados a amar, criando assim um círculo de vínculos cada vez maiores e mais positivos. É o diálogo é o estilo que exalta a generosidade de Deus, porque reconhece que a sua

presença está em tudo e, portanto, é preciso encontrá-lo em cada pessoa, tendo a coragem de lhe dar a palavra. Esta era a grande convicção de dom Bosco, para quem até no jovem mais pobre e marginalizado haveria sempre um ponto acessível ao bem e uma possibilidade de realizar algo em comum. Porque? Porque o amor de Deus jamais abandona ninguém. Nunca nos esqueçamos disto!

A escuta e o diálogo devem florescer numa renovada capacidade de discernimento. Não se trata de transformar cada membro do povo de Deus num jesuíta! Para algumas pessoas o convite urgente ao discernimento seria uma moda deste pontificado, destinada a passar depressa. Não é assim, pois se observamos a história da Igreja, nos grandes momentos de mudança surgiram pessoas ou grupos que viveram um verdadeiro discernimento no Espírito. Encontraram saídas inéditas, caminhos novos, nunca trilhados.

Este é também o nosso tempo. É suficiente pensar — para além da revolução digital em curso, da profunda crise ambiental, do drama das migrações, do flagelo dos abusos, citando apenas algumas das situações mais visíveis deste início do terceiro milénio — no tempo de pandemia que hoje vivemos. Um tempo, ninguém o teria pensado há apenas alguns meses, que transformou a existência de todos e que não sabemos bem para onde nos levará. Tudo isto nos convida a fazer o discernimento para assegurar a proximidade ao povo de Deus, reformar a economia e as finanças, elaborando novas formas de solidariedade e serviço. Como poderíamos responder a tudo isto, sem um discernimento adequado? Sem dúvida, correríamos o risco de sucumbir à última moda do momento, ou refugiarmo-nos em práticas do passado, incapazes de compreender a situação peculiar dos homens e dos jovens de hoje.

A força da sinodalidade

E chegamos ao Sínodo dos jovens. Gostei muito da imagem deste processo, como de um fogo que irrompe lentamente. Evoca o grande desejo do Senhor: «Eu vim lançar o fogo sobre a terra, e como gostaria que já estivesse aceso!» (Lc 12, 49). Sem dúvida, trata-se do fogo do amor de Deus, que ilumina e aquece todos os homens. Encontrar-se em volta do fogo vivo do Sínodo significa reco-

hecer que este acontecimento foi gerado e está destinado a dar frutos abundantes para o bem de todos os jovens, sem excluir ninguém.

Eu também desejava ardentemente o Sínodo sobre os jovens. Era uma aspiração de toda a Igreja, que de bom grado fiz minha depois da experiência dos dois Sínodos sobre a família, e em continuidade com eles. Vivemos uma aventura extraordinária com um grande número de jovens. Em várias contribuições contidas no volume do padre Sala há a convicção de que as duas grandes colunas do Sínodo foram o “discernimento” — de que já falamos antes — e a “sinodalidade”, que pouco a pouco se impôs à nossa atenção. Também estou persuadido de que os jovens ajudaram a Igreja a redescobrir a sua natureza sinodal, porque nos pediram de mil maneiras para caminhar ao seu lado: nem atrás deles, nem à sua frente, mas ao seu lado! Nem acima nem abaixo deles, mas ao seu nível!

Durante estes anos insisti muito sobre o tema da “sinodalidade”, porque tem necessidade urgente de descobrir que a graça batismal é a plataforma fundamental da vida e da missão cristã. E é mediante esta graça que cada um é chamado a ser “discípulo missionário”. Não se trata de novidades, mas de consequências claras do Concílio Vaticano II, que infelizmente ainda temos dificuldade de fazer nossas. Estou realmente persuadido disto e quero repeti-lo mais uma vez: «O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio» (cf. *Discurso de comemoração do cinquentário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015!).

Por isso, após um discernimento adequado, a 7 de março passado foi anunciado o tema da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que terá lugar em outubro de 2022: “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. Acho que se trata da continuação certa e coerente do Sínodo sobre os jovens, no qual nos foi pedido para anunciar o Evangelho através da fraternidade, porque os jovens nos recordaram que um só é o nosso Mestre e todos nós somos irmãos (cf. Mt 23, 8).

O pacto educativo global

A sinodalidade leva-nos diretamente à educação. Sem dúvida, pois a educação não é um desporto individual, mas de grupo! Todos estão

conscientes de que para educar é preciso um povoado, que são necessárias muitas alianças para fazer crescer uma pessoa de maneira saudável e integral. Sabia-o muito bem dom Bosco, que antes de tudo pensava nas casas salesianas como ambientes familiares onde cada um se pudesse sentir em casa, num ambiente cheio de propostas estimulantes: um verdadeiro “ecossistema educativo” à medida da mocidade, do adolescente e do jovem! Sabemos isto pela experiência familiar, desportiva, escolar, universitária, social e assim por diante: quando nós adultos não nos entendemos, a educação paralisa-se, as pessoas não amadurecem e tudo se torna difícil.

Infelizmente, não podemos negar que «hoje o chamado “pacto educativo” está em crise, quebrou-se: o pacto educativo que se cria entre a família, a escola, a pátria e o mundo, a cultura e as culturas. Quebrou-se e está realmente quebrado; não pode ser recolado nem recomposto. Não pode ser reparado, a não ser através de um renovado esforço de generosidade e de acordo universal» (*Discurso aos participantes no seminário sobre o tema “Education: the global compact”, promovido pela Pontifícia Academia das Ciências Sociais*, 7 de fevereiro de 2020). O que significa? Que é necessário algo novo, que as várias instituições devem procurar humildemente modos de reconciliação para o bem das jovens gerações, que todos os homens de boa vontade são chamados a voltar a trabalhar em grupo, em vista de uma renovada responsabilidade para com os mais pequenos e mais pobres.

Começando pela dupla constatação da desintegração do “pacto educativo” e da necessária “sinodalidade”, senti a exigência de promover o Dia do pacto educativo global: trata-se de «um apelo a quantos têm responsabilidades políticas, administrativas, religiosas e educacionais, para reconstruir a “aldeia da educação”. O objetivo de estarmos juntos não é desenvolver programas, mas encontrar o passo comum “para reavivar o compromisso pelas e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e compreensão mútua» (*Discurso aos participantes na Assembleia plenária da Congregação para a Educação Católica*, 20 de fevereiro de 2020). Este Dia estava previsto para 14 de maio de 2020, mas devido à

corrente pandemia foi adiado para 15 de outubro de 2020.

Acho que o texto do padre Sala será de grande utilidade para o evento do “pacto educativo global”, dado que constitui um manual de reflexões, experiências e propostas das quais poder haurir a mãos-cheias. A partir das “cinco constelações”, há uma vasta gama de escolhas!

Depois de ter manifestado algumas das minhas convicções, concluo renovando o meu agradecimento. O texto que tendes nas mãos é deveras interessante e oportuno para esta época. Briquete com o padre Sala, dizendo-lhe que se trata de um “tijolo”, no sentido que é um texto denso, rico e encorpado. Mas todos nós sabemos que as casas sólidas e seguras se constroem sobre a rocha e com tijolos, não sobre a areia e com papélio!

Para acender uma fogueira que perdure no tempo não é suficiente a palha, mas é preciso madeira envehecida. Para crescermos, não bastam petiscos cheios de conservantes, mas temos necessidade de uma alimentação saudável e nutritiva. Assim também o pensamento precisa de solidez, sobretudo neste tempo tão líquido, em que tudo passa com extrema facilidade e superficialidade. Penso que dom Bosco ficará feliz com esta obra, que certamente poderá ajudar muitos a entrar no espírito do Sínodo sobre os jovens e a orientar-se num mundo em rápida transformação.

Aproveito também esta ocasião para agradecer a todos os Salesianos de dom Bosco e a todos os membros da Família salesiana pelo seu esforço educativo e pastoral, de modo especial em benefício dos jovens mais pobres e abandonados. Gostaria de vos dizer para prosseguir com coragem, porque a missão salesiana é atual como nunca. O Papa está conosco!

Gostaria muito de ter ido a Turim-Valdocco, para me encontrar com os membros do Capítulo geral 28, no passado mês de março. Não o pude fazer, devido à pandemia. Certamente teremos outra ocasião de encontro.

Para concluir, peço-vos que não vos esqueçais de orar por mim; quanto a mim, fá-lo-ei de bom grado por vós.

Roma, São João de Latrão, 24 de maio de 2020, Solenidade de Maria Auxiliadora.

FRANCISCO



xado a pele! E como no final daquela intensa experiência, em 27 de outubro, concluí afirmando que, depois daquele mês de trabalho duro, eles tinham deixado também os ossos! É verdade, esforçaram-se muito para preparar, acompanhar e completar este importante processo eclesial, do princípio ao fim. Muito obrigado, deversas obrigado!

Gostaria de aproveitar esta boa ocasião para confirmar e reiterar algumas minhas convicções a respeito do trabalho da teologia, da necessidade de fazer o discernimento, do Sínodo sobre os jovens que vivemos e

próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas» (Mt 22, 36-40).

No primeiro mandamento é expressa uma totalidade de dedicação a Deus que brota do coração, passa através da alma e chega à inteligência. Antes de mais, gostaria de reiterar que, como busca de Deus através da inteligência, a laboriosidade teológica constitui uma expressão de amor a Ele. A razão é um grande dom de Deus, e não o mais modesto, e penso que hoje mais do que nunca precisamos de teólogos apaixonados por Deus e pelo seu povo. Com efeito,

Ninguém está excluído da graça de Deus

Igreja e homossexualidade

GIORGIA SALATIELLO

Um livro muito recente de Luciano Moia – editor-chefe da revista mensal do diário *Avvenire*, “Noi famiglia e vita” – com prefácio-entrevista do cardeal Matteo Maria Zuppi (*Chiesa e omosessualità. Un'inchiesta alla luce del magistero di Papa Francesco*, Cinesello Balsamo, San Paolo, 2020), leva-nos a prestar atenção à questão urgente e sem precedentes das relações do mundo eclesial com pessoas de tendência homossexual. Todo o volume, que reúne afirmações do Papa Francisco e doze entrevistas, além do testemunho de um crente com tendência homossexual, é atravessado por um “fio vermelho” constituído pelas palavras do Pontífice, contidas no capítulo 8 da *Amoris laetitia*, com referência a situações conjugais irregulares, na convicção de que também são aplicáveis a pessoas com tendência homossexual.

O critério fundamental, a partir do qual se apresenta toda uma série de problemáticas, é o acolhimento, que se articula como acompanhamento, discernimento e integração, na tensão entre a fidelidade inalienável à doutrina e a abertura cuidadosa à existência concreta das pessoas. A reflexão desenvolve-se a três níveis: antropológico, teológico e pastoral, e em cada um deles recorre, indicando-a como indispensável, à contribuição da investigação interdisciplinar, com aquisições das ciências biológicas e humanas. O objetivo do livro não é, nem pode ser, oferecer soluções fáceis para problemas extremamente complexos, mas encorajar um olhar que não seja simplisticamente redutor e que se con-

centre sempre no ideal evangélico e na atenção à pessoa. Por este motivo, o primeiro passo é o da investigação antropológica, que representa a premissa indispensável de qualquer afirmação sobre todos os seres humanos, incluindo, evidentemente, aqueles com tendência homossexual.

O conceito de natureza humana mantém toda a sua validade, mas deve ser continuamente relido para descobrir, cada vez mais profundamente, a dimensão relacional original que nos impede de considerar o indivíduo como uma mónada isolada. A partir disto articula-se a perspectiva teológica, desenvolvida à luz da sagrada Escritura, com o desejo de compreender cada vez melhor a mensagem cristã sobre todos os seres humanos, incluindo aqueles com tendência homossexual que são sem-



Tógi, «O abraço»

pre alcançados pela misericórdia e pelo amor de Deus.

O terceiro nível, o pastoral, é sem dúvida o mais problemático, porque levanta questões às quais não é possível dar respostas superficiais fáceis. Como ativar concretamente as diferentes realidades eclesiais, a integração de pessoas com tendência homossexual, tendo em consideração a diversidade dos contextos e, ainda antes, a singularidade das pessoas e das suas histórias? Hoje em dia, no mundo eclesial existem várias situações em que já se vive a integração e podem servir de exemplo para novas formas de acolhimento capazes de manter unidas as necessidades espirituais das pessoas com tendência homossexual e a sensibilidade das comunidades. Neste sentido, não se trata de querer relativizar as normas, mas de saber como elas podem ser aplicadas com misericórdia, considerando que ninguém está excluído da graça de Deus e que o caminho para o bem possível é lento e gradual.

Concluindo, a atenção à questão dos cristãos com tendência homosse-

xual oferece uma oportunidade preciosa para considerar a diferença entre homem e mulher, querida por Deus desde o início como um bem e um valor a ser protegido. Infelizmente, muitas vezes esta distinção permanece fechada em padrões e estereótipos que a mortificam, interpretando-a de acordo com a lógica de uma cultura materialista e hedonista, longe do desígnio original de Deus que a criou em vista de uma relação esponsal caracterizada pela fidelidade e indissolubilidade. Sem dúvida, a diferença sexual é a primeira das diferenças que existem entre as pessoas, mas não nos pode fazer esquecer as diversidades individuais que existem até entre duas mulheres ou dois homens.

A exigência de colocar em primeiro lugar a pessoa, com a sua singularidade única e irrepetível, criada por Deus por amor e, por sua vez, chamada a dar amor, não deve fazer-nos esquecer que, no desígnio de Deus Criador, a vida é transmitida na beleza e na fecundidade do relacionamento entre a mulher e o homem.

Carta circular da Congregação para a educação católica

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

pastoral escolar e universitária, assim como pelos cristãos individualmente, presentes em todas as instituições educacionais.

Conclusão

A Congregação para a Educação Católica – como já foi expresso no comunicado de 14 de maio de 2020 – renova a sua proximidade e manifesta profundo apreço a todas as comunidades educativas das instituições escolares e universitárias católicas que, não obstante a emergência sanitária, garantiram o desempenho das suas atividades para não interromper a cadeia educativa que está na base não apenas do desenvolvimento pessoal mas também da vida social. Na perspectiva do planeamento escolar e académico futuro, apesar das incertezas e preocupações, os responsáveis pela sociedade são chamados a dar maior importância à educação em todas as suas dimensões formais e informais, coordenando esforços para apoiar e assegurar, nestes tempos difíceis, o compromisso educativo de todos.

Na perspectiva da futura programação escolar e universitária, apesar das incertezas e preocupações, os responsáveis da sociedade são chamados a dar maior relevância à educação em todas as suas dimensões formais e informais, coordenando os esforços para apoiar e assegurar, nestes tempos difíceis, o compromisso educativo da parte de todos.

É hora de olhar em frente com coragem e esperança. As instituições educativas católicas têm em Cristo – caminho, verdade e vida (cf. *Jô* 14, 6) – o seu fundamento e uma nascente perene de “água viva” (cf. *Jô* 4, 7-13) que revela o novo sentido da existência, transformando-a. Portanto, que nos sustenha a convicção de que na educação reside a semente da esperança: uma esperança de paz e de justiça.

Cidade do Vaticano, 10 de setembro de 2020

Giuseppe Cardeal Versaldi
Prefeito

D. Angelo Vincenzo Zani
Arcebispo Titular de Voltorno
Secretário

É possível uma boa política ao serviço do bem comum

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

nez. O bem comum requer a participação de todos. Se cada um contribuir com a sua parte, e se ninguém for excluído, podemos regenerar boas relações a nível comunitário, nacional e internacional e também em harmonia com o meio ambiente (cf. *LS*, 236). Assim, nos nossos gestos, mesmo nos mais humildes, tornar-se-á visível algo da imagem de Deus que temos dentro de nós, porque Deus é Trindade, Deus é Amor. Esta é a definição mais bonita de Deus na Bíblia. É-nos oferecida pelo apóstolo João, que amava tanto Jesus: Deus é amor. Com a sua ajuda, podemos curar o mundo trabalhando juntos para o bem comum, não só para o próprio bem, mas para o bem comum, de todos.

No final da catequese, saudando os fiéis, entre os quais os de língua portuguesa, recordou o primeiro Dia internacional da tutela da educação contra os ataques.

Celebra-se hoje o primeiro *Dia internacional da tutela da educação contra os ataques*, no âmbito dos conflitos armados.

Convido a rezar pelos estudantes que são tão gravemente privados do direito à educação, por causa de guerras e do terrorismo. Exorto a Comunidade internacional a trabalhar a fim de que sejam respeitados os edifícios que deveriam proteger os jovens estudantes. Não esmoreça o esforço de lhes proporcionar ambientes seguros para a educação, sobretudo em situações de emergência humanitária.

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos e ouvintes de língua portuguesa, convidando todos a permanecer fiéis a Cristo Jesus. Ele desafia-nos a sair do nosso mundo limitado e estreito para buscarmos juntos o bem comum. O Espírito Santo vos ilumine para poderdes levar a bênção de Deus a todos os homens. A Virgem Mãe vele sobre o vosso caminho e vos proteja. Apele depois da Audiência geral de 9 de setembro de 2020

1. Papa Francisco, *Momento extraordinário de oração no adro da Basílica de São Pedro*, 27 de março de 2020.
2. Papa Francisco, Carta encíclica *Laudato si'*, 24 de maio de 2015, n. 137.
3. *Ibid.*, n. 225.
4. Papa Francisco, *Mensagem Urbi et Orbi*, 12 de abril de 2020.
5. Papa Francisco, *Mensagem para o lançamento do Pacto educativo*, 12 de setembro de 2019.
6. Papa Francisco, *Audiência geral*, 12 de agosto de 2020.
7. Papa Francisco, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária da Congregação para a Educação Católica*, 20 de fevereiro de 2020.
8. Cf. Congregação para a Educação Católica, *Educar para o humanismo solidário. Para construir uma civilização do amor 50 anos após a «Populorum progressio»*, 16 de abril de 2017, VI.

Conversa com o cardeal Jean-Claude Hollerich, presidente da Comece

Por isso estamos a sufocar

MARCO BELLIZI

Seremos mais débeis. Todos. Também a Europa. Os Estados Unidos, o Ocidente, como um todo. A Igreja também será mais fraca, segundo o que explicou o cardeal Jean-Claude Hollerich, presidente da Comissão das Conferências episcopais da União Europeia (Comece). Porque, na sua opinião, a pandemia acelerou apenas um processo inevitável. Por isso devemos arregaçar as mangas com humildade, reconhecer o cristianismo mais autêntico, agir em conformidade. Apelar à solidariedade. De facto, explica o purpurado nesta conversa com "L'Osservatore Romano", para além da terrível doença ainda sem vacina, o que nos sufoca é um consumismo que não nos permite viver autenticamente. E um cristianismo apenas cultural, que não possui do que se nutrir. Nem para

Eminência, parece ser possível dizer que em todo o debate mundial sobre a pandemia a grande ausência é a tomada de responsabilidade para com o sul do mundo. Se considerarmos que a África, por exemplo, parece uma bomba, também virológica, pronta a explodir, na sua opinião é mais útil apelar à solidariedade ou ao realismo?

Penso que a solidariedade é sempre uma resposta ao realismo. A África já foi duramente atingida. Não pelos casos de doentes ou mortos, mesmo que sejam muitos, mas pelo sofrimento da economia. As pessoas em África já se tornaram mais pobres. Temos que aproveitar esta crise para fazer um gesto de solidariedade. Nós na Europa somos ricos, e somos ricos porque aproveitámos a riqueza da África, por isso é simplesmente correto que, como irmãs e irmãos, ajudemos estas pessoas a encontrar um novo equilíbrio económico, para poderem ganhar a vida sem terem de enviar refugiados para a Europa. Como cristãos, temos esta responsabilidade por toda a terra. A nossa solidariedade não deve conhecer fronteiras. Claro, o que disse sobre realismo é muito verdadeiro. Porque os países da Europa, ou mesmo as pessoas na Europa, agora quando falam dos doentes, estão a falar de si mesmos, porque a pobreza diz respeito também à Europa, estão a falar de como combater a pobreza aqui. E isso é legítimo. Mas não podemos esquecer os mais pobres. O Evangelho e Cristo não nos deixam esquecer deles.

Recentemente em Alpbach, Áustria, na missa de abertura do Fórum europeu, Vossa Eminência mencionou uma espécie de intervenção conjunta da Europa para combater a pandemia, para defender a paz e não trair os valores cristãos. Que forma deveria assumir esta intervenção?

Penso que devemos fazer algo pela África como a América fez pela Europa após a guerra. Não é suficiente realizar pequenos programas de ajuda. Devemos realmente ter um grande plano de desenvolvimento para esse continente. É mais difícil do que foi para a Europa, porque

depois da guerra a Europa recuperou os seus sistemas democráticos e sabemos que na África existem sistemas políticos que por vezes não permitem o desenvolvimento dos povos africanos. É também verdade que a Europa não está sozinha, em África. A China está a tornar-se cada vez mais poderosa, a sua presença está a ser sentida. Assim, devemos fazer um esforço conjunto com a China, com todos os povos de boa vontade, para o desenvolvimento dos países africanos. Falamos como Igreja católica mas também há outras igrejas em África, outras religiões... Seria bom que as religiões se tornassem a consciência da humanidade, para favorecer juntas o desenvolvimento destes povos africanos... Porque Deus ama os povos de África e da Europa da mesma forma. Deus não tem uma preferência pela Europa, isso é claro. Pensar o oposto é uma expressão do eurocentrismo latente. E não é correto, de uma perspectiva cristã. Se estamos conscientes de que Deus ama cada homem, cada mulher, temos de o fazer juntos. Porque a felicidade, um certo bem-estar, paz, justiça, deve ser para todos.

Faço-lhe uma pergunta franca: acha que a Europa, tal como está, deveria ser reformada ou até refundada?

Tenho sempre esperança na Europa. Porque quando olho para a curta história da União Europeia, vejo que já houve muitas crises e que a Europa as superou sempre. Penso que havia um perigo real, no início da pandemia, de não ser capaz de manter uma nova ordem mundial. Mas agora vemos que a Europa desempenhará a sua tarefa. Penso que as Igrejas cristãs, juntamente com os nossos amigos de outras religiões, devem sentir a responsabilidade da chamada à consciência europeia, fazer um pouco mais, mostrar esta solidariedade, o que significa renunciar a alguma riqueza para si a fim de a partilhar com os outros.

Por que parece que a Europa secular tem tanta dificuldade de encontrar e defender o sentido profundo da sua ação e a sua razão de ser? É um problema político ou cultural?

Penso que de alguma forma ainda existem vestígios da cultura cristã na cultura europeia. Estes vestígios não são como ruínas antigas, mas são momentos ainda ativos na cultura da Europa. Estes vestígios ajudam-nos a viver mais em solidariedade. E estão também presentes em homens e mulheres políticos que não se declaram cristãos. Vemos, por exemplo, como foi recebida a *Laudato si'*. Há uma grande abertura a estas mensagens, especialmente as do Santo Padre, até numa Europa laica. Por vezes esta Europa secular ou secularista também se apresenta em trajes cristãos. Mas são apenas vestes. Não são os elementos do cristianismo e do Evangelho que estão em ação, é só um carnaval. A solidariedade, o facto de partilhar, de querer partilhar riquezas com os mais pobres, de respeitar os direitos humanos: estes são os elementos distintivos do cristianismo. Mas infelizmente também

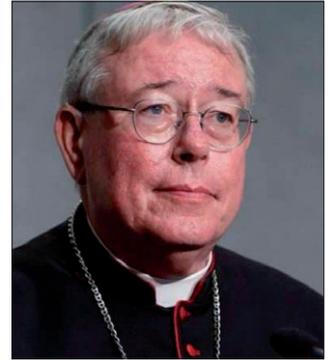
penso que o cristianismo está a ficar mais fraco na Europa. Mesmo depois da pandemia, penso que o número de pessoas que irá à igreja diminuirá. Devemos pensar sempre na evangelização da Europa. Não é verdade que a Europa é sempre cristã. Também não tem sido verdade na história, porque houve momentos de completo empobrecimento. Devemos proclamar o Evangelho à Europa, devemos levar a cabo uma obra de evangelização. Devemos fazê-lo primeiro com ações, com o nosso comportamento, com a nossa ajuda, e depois com palavras. Porque as pessoas nos dizem: "Sempre ouvimos estas palavras mas elas não nos dizem nada, porque não se vive o que se proclama". Como Igreja, somos chamados por Deus, também através da voz do nosso Papa, a tornar-nos mais cristãos, verdadeiramente mais simples, e até economicamente mais pobres. Porque temos um consumismo na Europa que já não nos permite viver. Estamos a asfixiar a nossa vida na Europa. Precisamos de uma evangelização que seja profunda. Precisamos de mudar, precisamos de ouvir a voz de Cristo que nos chama a uma mudança profunda.

Voltemos à pandemia. Como considera, em geral, a intervenção europeia?

Os mais "avarentos" não tiveram razão. Mas agora temos de esperar pelo debate no Parlamento europeu, nos parlamentos nacionais. Ainda não acabou. Temos de acompanhar os diferentes processos. Mas penso que a Igreja na Europa é também chamada a dar uma palavra de apoio a estas ações. Sem cair na tentação de querer fazer política ou de impor uma resposta em vez de outra. Essa não é a nossa tarefa. Mas sim afirmar que a União Europeia é importante. Porque sem a União Europeia, os países mais pobres ou os mais atingidos pela pandemia, como Itália, França e Espanha, seriam ainda mais pobres, e sem a União Europeia, os países ricos, como os do Norte, não poderiam ser mestres de exportações. Todos nós precisamos desta União Europeia. E como cristãos, devemos ser a favor do bem comum. É muito difícil pensar num bem comum sem a União Europeia. Eu não sou europeísta. Sou a favor do bem comum. E o bem comum é maior do que a Europa. Penso que há muitos homens, muitas mulheres, nem todos cristãos, que compreenderam isto e por conseguinte querem mais solidariedade. Então devemos apelar a mais solidariedade, que seja económica e politicamente possível.

Gostaria de lhe pedir uma previsão: no final, como sairá a Europa deste período dramático, mais ou menos forte? E a Igreja?

Começarei pela segunda parte da pergunta. Penso no meu país: seremos em menor número. Porque todos aqueles que não vão à missa, pois iam apenas por razões culturais, estes "católicos culturais", de esquerda e de direita, vão deixar de ir. Eles viram que a vida é muito confortável. Podem viver muito bem sem ter



de ir à igreja. Até as Primeiras Comunhões, o catecismo para crianças, tudo isto diminuirá em número, tenho quase certeza. Mas não é uma queixa da minha parte. Ter-se-ia verificado este processo mesmo sem uma pandemia. Talvez tivesse levado mais dez anos. Mas neste ponto, a Igreja deve inspirar-se numa humildade que nos permita reorganizar-nos melhor, para sermos mais cristãos, porque de outra forma esta cultura do cristianismo, este único catolicismo apenas cultural, não pode durar no tempo, não tem na sua base nenhuma força viva. Penso que é uma grande oportunidade para a Igreja. Temos de compreender o que está em jogo, temos de reagir e pôr em prática novas estruturas missionárias. E quando digo missionárias, refiro-me tanto à ação como à palavra. Penso também que no mundo após a pandemia, o Ocidente, os Estados Unidos e a Europa, serão mais frágeis do que antes, porque o fenómeno da aceleração provocada pelo vírus fará crescer outras economias, outros países. Mas devemos ver isto com realismo, devemos abandonar o eurocentrismo presente nos nossos pensamentos e com grande humildade trabalhar com outros países para o futuro da humanidade, para ter mais justiça. Também, no sentido indicado pela *Laudato si'*, temos de nos empenhar. Mas um bom empenho requer humildade. Sem humildade não é possível um compromisso realista.

Qual foi o seu maior desapontamento nestes meses, e qual foi o maior momento de esperança?

A minha maior desilusão foi quando houve reações completamente nacionalistas na Europa no início da pandemia. Como se a União Europeia, como solidariedade, não existisse. Isso magoou-me muito. Tal como a fronteira fechada com a Alemanha no ano do aniversário da ocupação alemã de Luxemburgo: uma insensibilidade à história europeia. Mas a minha esperança vem do facto de os responsáveis terem visto, compreendido e dito que mesmo na presença de uma nova crise, de um ressurgimento de casos, nunca mais farão o mesmo. E depois a minha esperança é Cristo. Para mim é ver a minha fragilidade. E que a minha fragilidade não é uma ameaça para mim, mas uma oportunidade para dizer que encontro a minha salvação em Jesus Cristo, que ele é a minha esperança e que a sua palavra, a sua morte na cruz, a sua ressurreição, fazem com que eu me comprometa cada vez mais por uma sociedade mais justa.

O arcebispo emérito de Lviv dos Latinos tinha 94 anos

Faleceu o cardeal Marian Jaworski

O cardeal Marian Jaworski, arcebispo emérito de Lviv dos Latinos, na Ucrânia, faleceu no sábado 5 de setembro em Cracóvia (Polónia), onde residia e esteve hospitalizado durante duas semanas. O saudoso purpurado nasceu a 21 de agosto de 1926 em Lviv e foi ordenado sacerdote a 25 de junho de 1950. Eleito à Igreja titular de Lambesis a 21 de maio de 1984 e nomeado administrador apostólico

de Lviv dos Latinos, recebeu a ordenação episcopal a 23 de junho seguinte. A 16 de janeiro de 1991 foi promovido arcebispo de Lviv dos Latinos. No consistório de 21 de fevereiro de 1998, São João Paulo II criou-o cardeal, reservando-o "in pectore", publicando-o no consistório de 21 de fevereiro de 2001, atribuindo-lhe o título presbiteral de São Sisto. A 21 de outubro de 2008 renunciou ao governo

pastoral da Arquidiocese. O saudoso purpurado foi recordado na Polónia com uma série de celebrações que tiveram início a 8 de setembro em Lubaczów. No dia 11, a missa com o rito fúnebre foi celebrada no seu querido santuário de Kalwaria Żebrzydowska, onde, de acordo com as suas disposições, os despojos mortais foram sepultados na capela da imagem milagrosa de Nossa Senhora.

Amigo fraterno e confidente espiritual de Karol Wojtyła desde os anos 50 – quando em Cracóvia (onde ambos residiam na Rua Kanonicza, aos pés do Castelo de Wawel) partilharam o amor pelo estudo e a paixão pela pastoral juvenil – Marian Jaworski esteve ao lado de S. João Paulo II até ao fim. Na noite de 2 de abril de 2005, após concelebrar a missa junto do leito do Pontífice moribundo, administrou-lhe o sacramento da Unção dos enfermos. Facto narrado a L'Osservatore Romano pelo cardeal Stanisław Dziwisz, atual arcebispo de Cracóvia, na altura secretário pessoal do Papa Wojtyła. «Estes dois grandes homens – comentou – estiveram unidos pela fé e profundo amor à Igreja, pela coragem e vontade de a servir mesmo em tempos difíceis, até à sua morte». Também o cardeal Jaworski foi marcado pelo sofrimento. Em 1967, durante uma viagem a Olsztyn, perdeu o braço esquerdo num acidente de comboio. E esta experiência – explicou o cardeal Dziwisz – «aproximou-o ainda mais do cardeal Wojtyła, que considerava o sofrimento do amigo como um sacrifício por eles».

Filho de Wincenty Jaworski e Stanisława Łastowiecka, frequentou a escola básica em Lviv. Após o exame final do ensino secundário, entrou no seminário maior da cidade em 1945, que, após a ocupação pelas tropas bolcheviques, foi transferido para Kalwaria Żebrzydowska, Polónia, perto de Cracóvia. Ali, nos Frades Menores, prosseguiu os estudos de filosofia e teologia. E precisamente no santuário dirigido pelos franciscanos foi ordenado sacerdote a 25 de junho de 1950 pelo arcebispo Eugeniusz Baziak. No mesmo ano, obteve o título de *magister* em teologia na Universidade Jaguelónica de Cracóvia.

Após um ano de ministério como vigário paroquial em Basznia Dolna, perto de Lubaczów, continuou os estudos na Faculdade de Teologia de Cracóvia. Em 1952 defendeu a sua tese de doutoramento em teologia intitulada «O desenvolvimento do pensamento sobre o princípio da causalidade na obra de Józef Geysler». Durante mais um ano exerceu a sua atividade pastoral na paróquia de Poronin, perto de Zakopane, e depois continuou os estudos na Faculdade de Filosofia da Universidade católica de Lublin, onde em 1954 obteve o segundo doutoramento em filosofia com a tese «A teoria aristotélica e tomista do princípio criador no contexto do conceito do ser».

Em 1965 obteve a qualificação em filosofia da religião na Academia teológica católica de Varsóvia (hoje a universidade tem o nome do cardeal Stefan Wyszyński), apresentan-

do a tese «O conhecimento religioso de Deus segundo Romano Guardini. Estudo analítico-crítico». Durante vários anos foi professor na mesma Academia e na Faculdade de Teologia de Cracóvia, onde em 1967 obteve o título de professor extraordinário. Em 1976 tornou-se professor titular na Pontifícia Faculdade Teológica de Cracóvia, depois em 1985 obteve o doutoramento *honoris causa* na Universidade de Bochum, na Alemanha. Foi também professor de metafísica e filosofia da religião no Instituto Filosófico-teológico dos padres bernardinos em Kalwaria Żebrzydowska, na Faculdade de Teologia do seminário maior em Cracóvia, na Faculdade de Filosofia Jesuíta em Cracóvia, no Colégio Filosófico-teológico dos padres dominicanos em Cracóvia e no seminário maior em Częstochowa,

com sede em Cracóvia.

Manteve sempre uma estreita relação de confiança com o arcebispo Baziak, que o encorajou nos seus es-



Pesar do Santo Padre

Ao tomar conhecimento da morte do cardeal Marian Jaworski, arcebispo emérito de Lviv dos Latinos (Ucrânia), o Papa Francisco enviou ao arcebispo Marek Jędraszewski, metropolitano de Cracóvia (Polónia), a mensagem de condolências que publicamos em seguida.

Com profundo pesar recebi a notícia da morte de Sua Eminência o Cardeal Marian Jaworski. Unome a Vossa Excelência na oração de sufrágio, a todos os fiéis da Igreja na Polónia e na Ucrânia, especialmente na Arquidiocese de Cracóvia, na Diocese de Zamość-Lubaczów e na Arquidiocese de Lviv. Agradeço ao Senhor pela vida e ministério apostólico desta testemunha fiel do Evangelho.

Com gratidão recorro o seu compromisso académico como apreciado homem de ciência e professor de teologia e filosofia nas Universidades de Varsóvia, Cracóvia e Lviv; como Decano e primeiro Reitor da Pontifícia Academia de Teologia em Cracóvia. São João Paulo II enfatizou frequentemente a sua particular e valiosa contribuição para o desenvolvimento científico.

«*Mihi vivere Christus est*», este lema episcopal acompanhou-o ao longo de toda a vida e definiu a sua forma de pensar, avaliar, fazer escolhas, tomar decisões e definir as perspetivas de diferentes pesquisas.

Foi amigo cordial de S. João Paulo II. Apoiou-o no trabalho do ministério episcopal e papal. Também administrou ao Papa

moribundo o sacramento da Unção. Como filósofo e teólogo, colaborou estreitamente com o Papa Bento XVI. Pessoalmente, estou ligado a ele pela data do Consistório do ano de 2001, quando ambos fomos criados cardeais.

No coração daqueles que o conheceram, ele permaneceu como um homem extremamente justo, sincero e corajoso que amava a Igreja. Deixou um testemunho digno de zelo sacerdotal, erudição, fidelidade ao Evangelho e responsabilidade pela comunidade dos crentes. Que o misericordioso Jesus Cristo, a quem o Cardeal Marian, de memória luminosa, dedicou a sua vida, o acolha na sua glória.

A Vossa Excelência, aos Eminentíssimos Cardeais, presentes na liturgia exequial, aos Bispos, à Família do Falecido, ao Povo de Deus da Igreja na Polónia e Ucrânia e a todos os que participam nesta última despedida, de coração concedo a minha bênção: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Vaticano, 7 de setembro de 2020

FRANCISCO

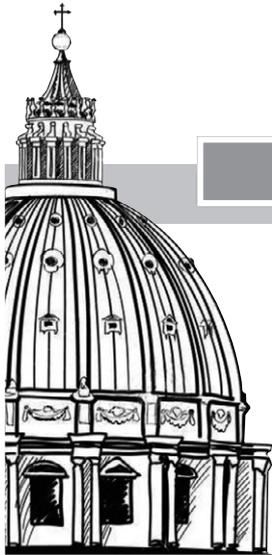
tudos de especialização e o nomeou seu capelão e secretário pessoal. Nos anos de 1970-80 desempenhou o cargo de secretário do Conselho científico do episcopado polaco. Durante cinco anos, de 1976 a 1981, foi decano da Pontifícia Faculdade Teológica de Cracóvia e, de 1981 a 1987, primeiro Reitor da Pontifícia Academia Teológica da mesma cidade.

Em 1984 João Paulo II nomeou-o bispo titular de Lambesis e administrador apostólico de Lviv dos Latinos. Recebeu a ordenação episcopal em Wawel, catedral de Cracóvia, a 23 de junho de 1984, das mãos do cardeal Franciszek Macharski. Escolheu como lema episcopal «*Mihi vivere Christus est*» (Fl 1, 21). «Era – recordou o cardeal Dziwisz – o segredo da sua vida, do seu amor e do seu serviço».

Após seis anos de atividade pastoral em Lubaczów, em 1991 foi nomeado arcebispo metropolitano de Lviv dos Latinos. Regressou à sua cidade natal, que tivera que abandonar muitos anos antes por causa da ocupação soviética. Ali trabalhou para a reorganização da atividade pastoral através de uma obra paciente de refundação de paróquias, e para o pedido de restituição das igrejas, frequentemente transformadas e utilizadas para fins profanos (salas de concertos, cinemas, teatros, salas de desportos). Onde os lugares de culto foram destruídos, ele empenhou-se num trabalho de reconstrução material e eclesial, prestando particular atenção à atividade do seminário maior, erigido em 1997, consciente de que a preparação do clero local era a melhor garantia da solidez e normalização da vida eclesial. Ele próprio desempenhou a tarefa de reitor do seminário, a fim de poder acompanhar de perto o desenvolvimento da instituição, apoiando de todas as formas o renascimento da vida religiosa, mas também trabalhando para a preparação de um laicado maduro e responsável. «Podemos chamar-lhe, com razão, o restaurador da vida da Igreja de Lviv, que ostenta uma história maravilhosa e uma grande herança espiritual», comentou o cardeal Dziwisz.

A partir de 1992 ocupou o cargo de presidente da Conferência episcopal ucraniana. De 1996 a 1998, foi também administrador apostólico da diocese de Lutsk. Trabalhou com vários dicasterios da Cúria romana, entre os quais a Congregação para o clero, a Congregação para a educação católica e o então Pontifício Conselho para a família. No decurso do seu ministério procurou sempre conjugar aspetos pastorais, culturais e científicos. Autor de centenas de publicações sobre temas teológicos e

CONTINUA NA PÁGINA 11



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 3 de setembro

O Senhor Cardeal Robert Sarah, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Chile Eboe-Osuji, Presidente do Tribunal Penal Internacional.

D. Anselmo Guido Pecorari, Arcebispo Titular de Populonia, Núncio Apostólico na Bulgária e Macedônia do Norte; e D. Michael Francis Crotty, Arcebispo Titular de Lindisfarna, Núncio Apostólico no Burkina Faso e no Níger.

No dia 4 de setembro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Patrick Renault, Embaixador da Bélgica, para a apresentação das Cartas Credenciais.

O Senhor Cardeal Mario Zenari, Núncio Apostólico na República Árabe da Síria; D. Nicola Girasoli, Arcebispo Titular de Egnazia Appula, Núncio Apostólico no Peru; D. Mirosław Adamczyk, Arcebispo Titular de Otriculum, Núncio Apostólico na Argentina; e D. Giuseppe Pinto, Arcebispo Titular de Pandosia, Núncio Apostólico.

No dia 5 de setembro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Suas Ex.^{cias} o Senhor Alessandro Mancini e a Senhora Gloria Zaffarani, Capitães-Regentes da República de San Marino, com o Séquito.

D. Luís Miguel Muñoz Cárdbaba, Arcebispo Titular de Nasai, Núncio Apostólico no Sudão e na Eritreia.

Suas Ex.^{cias} os Senhores Neven Pelicarić, Embaixador da Croácia; e Carl-Henri Guiteau, Embaixador do Haiti, ambos em visita de despedida.

No dia 7 de setembro

O Senhor Cardeal Beniamino Stella, Prefeito da Congregação para o Clero.

Sua Ex.^{cia} o Dr. Paolo Ruffini, Prefeito do Dicastério para a Comunicação, com o Rev.^{mo} Mons. Lucio Adrian Ruiz, e Suas Ex.^{cias} o Dr. Andrea Tornielli e o Dr. Andrea Monda.

Faleceu o cardeal Marian Jaworski

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

filosóficos, desenvolveu a sua reflexão sobretudo acerca de questões relacionadas com a filosofia da religião, utilizando o método fenomenológico na análise da experiência religiosa. Dedicou muito espaço a temas relacionados com o conceito filosófico de Deus, o problema do ateísmo e as implicações da antropologia cristã. Na sua obra de estudo e aprofundamento, não faltaram os temas específicos da teologia fundamental e da relação entre fé e razão. Foram indicativas as suas solicitações relativas ao pensamento tomista como inspiração da filosofia e teologia contemporâneas. Esta frutuosa atividade de estudo levou-o a participar frequentemente em congressos, conferências e simpósios científicos. Foi membro de comissões do Episcopado polaco, da Associação científica da Universidade católica de Lublin, da Associação filosófica polaca, da Associação teológica polaca, do Colégio de reitores de escolas superiores de Cracóvia, da sessão dos Professores de

filosofia na Polónia e do Conselho da Fundação Rainha Edvigis para a Pontifícia Academia Teológica de Cracóvia. Em sinal de gratidão pelos seus grandes méritos no campo cultural e pastoral, a República da Polónia conferiu-lhe há três anos a Ordem da Águia Branca, «como reconhecimento das suas excepcionais contribuições para a reconstrução da vida religiosa nas terras fronteiriças orientais e para o aprofundamento do diálogo ecuménico, e dos resultados científicos no campo da filosofia e da teologia». A Ucrânia conferiu-lhe por duas vezes a Ordem do Príncipe Yaroslav, o Sábio.

Em 1998 São João Paulo II criou-o cardeal e reservou-o *in pectore*, tornando-o depois público no Consistório de 2001, ano em que viveu um particular momento de graça: a viagem apostólica que João Paulo II quis fazer à Ucrânia de 23 a 27 de junho. Também graças a esse acontecimento retomou a posse do palácio episcopal, requisitado pelo regime soviético, depois de ter vivido

o Senhor Cardeal Angelo De Donatis, Vigário-Geral de Sua Santidade para a Diocese de Roma.

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 4 de setembro

De D. Jean-Paul Jaeger, ao governo pastoral da Diocese de Arras (França).

A 7 de setembro

De D. Michel Mulloy, Bispo Eleito de Duluth, nos Estados Unidos da América.

A 8 de setembro

De D. János Péntzes, ao governo pastoral da Diocese de Subotica (Sérvia).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 4 de setembro

Bispo da Diocese de Arras (França), D. Olivier Leborgne, até esta data Bispo de Amiens.

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, a Rev.^{da} Irmã Helen Alford, O.P., Vice-Reitora da Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino, em Roma.

No dia 5 de setembro

Auxiliar da Diocese de Sófia-Plovdiv, na Bulgária, o Rev.^{do} Pe. Rumen Ivanov Stanev, até agora Pároco da Paróquia de Rakovski-Sekirovo, na mesma Circunscrição, simultanea-

mente eleito Bispo Titular de Simidicca.

D. Rumen Ivanov Stanev nasceu a 19 de agosto de 1973, em Kaloyanovo, Província de Plovdiv (Bulgária), e foi ordenado Presbítero no dia 11 de setembro de 1999.

No dia 8 de setembro

Bispo de Subotica, na Sérvia, o Rev.^{mo} Mons. Slavko Večerin, até hoje Vigário-Geral da mesma Sede e Pároco em Sombor.

D. Slavko Večerin nasceu a 6 de junho de 1957, em Subotica-Palić (Sérvia), e recebeu a Ordenação presbiteral no dia 14 de agosto de 1983.

Bispo da Eparquia de Križevci para os fiéis de rito bizantino, na Croácia, o Rev.^{mo} Mons. Milan Stipičić, até à presente data Administrador Apostólico *sede vacante* da mesma Circunscrição.

D. Milan Stipičić nasceu em Bosanski Novi (Bósnia e Herzegovina), no dia 28 de dezembro de 1978 e foi ordenado Sacerdote em 18 de outubro de 2003.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 2 de setembro

D. Agustín Roberto Radrizzani, Arcebispo Emérito de Mercedes-Luján, na Argentina.

O saudoso Prelado nasceu no dia 22 de setembro de 1944, em Avellaneda (Argentina). Foi ordenado Sacerdote da Sociedade Salesiana de São João Bosco (Salesianos) em 25 de março de 1972 e recebeu a Ordenação episcopal a 20 de julho de 1991.

A 3 de setembro

D. Michael Joseph Cleary, Bispo Emérito de Banjul, na Gâmbia.

O venerando Prelado nasceu em Brickens, Arquidiocese de Tuam (Irlanda), no dia 1 de setembro de 1925. Recebeu a Ordenação sacerdotal na Congregação do Espírito Santo (Espiritanos), em 29 de junho de 1952, e foi ordenado Bispo a 25 de março de 1981.

A 6 de setembro

D. Paul Chittilapilly, Bispo Emérito de Thamarassery dos Sítio-Malabares (Índia).

O ilustre Prelado nasceu a 7 de fevereiro de 1934, em Mattom, Arquidiocese de Rabaul (Papua-Nova Guiné). Recebeu a Ordenação sacerdotal na Índia. Foi ordenado Presbítero em 18 de outubro de 1981 e recebeu a Ordenação episcopal no dia 24 de agosto de 1988.

A 8 de setembro

D. Benedict To Varpin, Arcebispo Emérito de Madang, na Papua-Nova Guiné.

O saudoso Prelado nasceu a 24 de julho de 1936, em Volavolo, Arquidiocese de Rabaul (Papua-Nova Guiné). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 24 de janeiro de 1971 e foi ordenado Bispo em 19 de março de 1980.

durante muito tempo numa modesta casa na periferia de Lviv.

Um episódio que testemunha a sua profunda devoção mariana remonta a 1 de abril de 2005, véspera da morte do Papa Wojtyła. Naquele dia, São João Paulo II benzeu as coroas de dois ícones de Nossa Senhora de Czestochowa: aquela situada na Capela polaca das Grutas do Vaticano e a da Virgem Negra de Jasna Góra. O cardeal Jaworski coroou pessoalmente a primeira imagem em São Pedro. «Ele ficou muito emocionado com esta cerimónia», – disse o cardeal Dziwisz – e lembrou-se sempre que o seu antecessor em Lviv, o santo arcebispo Józef Bilczewski, tinha solicitado e implorado ao Papa S. Pio x para obter as coroas para o ícone de Czestochowa, uma vez que as anteriores se tinham perdido no início do século XX».

Em 2008 renunciou ao governo pastoral da arquidiocese ucraniana. Sucedeu-lhe significativamente D. Mieczysław Mokrzycki, que durante vários anos fez parte do secretariado particular de S. João Paulo II.

ANGELUS

Apelo depois das manifestações populares

Os governantes ouçam a voz dos cidadãos mas os protestos sejam pacíficos

Duplo apelo lançado no domingo, 13 de setembro, no Angelus pelo Papa Francisco, o qual, falando dos protestos populares das últimas semanas em diversas partes do mundo pediu aos governantes que ouçam «a voz dos seus concidadãos» e aos manifestantes que não «cedam à tentação da agressividade e da violência». Anteriormente o Pontífice tinha proposto aos fiéis reunidos na praça de São Pedro uma reflexão sobre o trecho evangélico da liturgia dominical (Mt 18, 21-35) dedicado ao perdão.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Na parábola que lemos no Evangelho de hoje, a do rei misericordioso (cf. Mt 18, 21-35), encontramos duas vezes esta súplica: «concedeme um prazo e pagar-te-ei» (vv. 26.29). A primeira vez é pronunciada pelo servo que deve ao seu senhor dez mil talentos, uma soma enorme, hoje seriam milhões e milhões de euros. A segunda vez é repetida por outro servo do mesmo senhor. Também ele tem uma dívida, não para com o seu senhor, mas para com aquele servo que tem a dívida enorme. E a sua dívida é muito pequena, talvez tão pequena como o salário de uma semana.

O cerne da parábola é a indulgência que o senhor demonstra para com o servo que tem a dívida maior. O evangelista sublinha que «o senhor teve compaixão – nunca vos esqueçais desta palavra que é própria de Jesus: “teve compaixão”, Jesus teve sempre compaixão – [teve compaixão] daquele servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida». (v. 27). Uma dívida enorme, portanto um enorme perdão! Mas aquele servo, imediatamente a seguir, mostra-se implacável com o seu companheiro, que lhe deve uma modesta soma. Ele não o ouve, não tem piedade dele e manda-o para a prisão, enquanto não pagar a dívida (cf. v. 30), essa pequena dívida. O senhor ouve falar disso e, indignado, chama o servo mau e condena-o (cf. vv. 32-34): “eu perdoei-te tanto e tu és incapaz de perdoar este pouco?”.

Na parábola, encontramos duas atitudes diferentes: a de Deus – representado pelo rei – que perdoa muito, porque Deus perdoa sempre, e a do homem. Na atitude divina, a justiça está impregnada de misericórdia, enquanto que a atitude humana se limita à justiça. Jesus exorta-nos a abrir-nos corajosamente à força do perdão, porque na vida, sabemos que nem tudo é resolvido pela justiça. Precisamos desse amor misericordioso, que é também a base da resposta do Senhor à pergunta de Pedro que precede a

parábola. A pergunta de Pedro soa assim: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar?» (v. 21). E Jesus respondeu-lhe: «Não te digo sete vezes, mas setenta vezes sete» (v. 22). Na linguagem simbólica da Bíblia, isto significa que somos sempre chamados a perdoar!

Quanto sofrimentos, quantas dilacerações, quantas guerras poderiam ser evitadas, se o perdão e a misericórdia fossem o estilo da nossa vida! Também na família: quantas famílias desunidas que não sabem como se perdoar, quantos irmãos e irmãs que têm esse rancor dentro. É necessário aplicar o amor misericordioso em todas as relações humanas: entre cônjuges, entre pais e filhos, dentro das nossas comunidades, na Igreja e também na sociedade e na política.

Hoje, de manhã, enquanto celebrava a Missa, parei, fiquei impressionado com uma frase da primeira leitura do livro do Sirácide. A frase diz: “Lembra-te do fim e deixa de odiar”. Bela frase! Pensa no fim! Pensa que acabarás num caixão... e acabarás nele com o ódio? Pensa no fim, deixa de odiar! Abandona o ressentimento. Pensemos nesta frase muito comovedora: “Lembra-te do fim e deixa de odiar”.

Não é fácil perdoar, porque em momentos tranquilos diz-se: “Sim, este fez-me tantas, mas eu também fiz muitas. Melhor perdoar para ser perdoado”. Mas depois o rancor volta, como uma mosca irritante no verão que volta e volta... Perdoar não é apenas uma coisa momentânea, mas deve ser contínua contra este ressentimento, este ódio que volta. Pensemos no fim, deixemos de odiar.

A parábola de hoje ajuda-nos a compreender plenamente o significado da frase que recitamos na oração do Pai-Nosso: «Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt 6, 12). Estas palavras contêm uma verdade decisiva. Não podemos pretender para nós o perdão de Deus, se, por nossa vez, não concedemos o perdão ao nosso



próximo. É uma condição: pensa no fim, no perdão de Deus, e deixa de odiar; afasta o rancor, aquela mosca irritante que volta sempre. Se não nos esforçarmos por perdoar e amar, também não seremos perdoados nem amados.

Confiemo-nos à intercessão materna da Mãe de Deus: que ela nos ajude a dar-mos conta de quanto devemos a Deus, e a recordá-lo sempre, para que possamos ter o nosso coração aberto à misericórdia e à bondade.

No final da prece mariana o Papa expressou solidariedade aos refugiados de Lesbos vítimas dos incêndios que devastaram o campo de acolhimento de Moria. Em seguida, depois do apelo aos governantes e manifestantes, convidou os fiéis a participar com generosidade na Coleta para a Terra Santa.

Estimados irmãos e irmãs!

Nos últimos dias, uma série de incêndios devastou o campo de refugiados em Moria, ilha de Lesbos, deixando milhares de pessoas sem um abrigo, mesmo se era precário. Está sempre viva em mim a recordação da visita que fiz e do apelo lançado juntamente com o Patriarca Eumécio Bartolomeu e com o Arcebispo Ieronymos de Atenas, para assegurar «um acolhimento humano e digno para as mulheres e homens migrantes, refugiados e requerentes de asilo na Europa» (16 de abril de 2016). Manifesto a minha solidariedade e proximidade a todas as vítimas destes acontecimentos dramáticos.

Além disso, nestas semanas estamos a assistir a numerosas manifestações populares de protesto em todo o mundo – em muitas partes – expressando o crescente mal-estar da sociedade civil face a situações políticas e sociais particularmente críticas. Embora exorte os manifestantes a apresentarem as suas instâncias pacificamente, sem cederem à tentação da agressividade e da

violência, apelo a todos aqueles que têm responsabilidades públicas e governamentais para que ouçam a voz dos seus concidadãos e satisfaçam as suas justas aspirações, assegurando o pleno respeito pelos direitos humanos e liberdades civis. Por fim, convido as comunidades eclesiais que vivem em tais contextos, sob a guia dos seus Pastores, a trabalhar pelo diálogo, sempre a favor do diálogo, e da reconciliação – falámos de perdão, de reconciliação.

Devido à situação pandémica, este ano a tradicional Coleta para a Terra Santa foi transferida da Sexta-feira Santa para hoje, véspera da Festa da Exaltação da Santa Cruz. No contexto atual, esta Coleta é um sinal ainda maior de esperança e solidariedade com os cristãos que vivem na Terra onde Deus se fez carne, morreu e ressuscitou por nós. Façamos hoje uma peregrinação espiritual, em espírito, com a imaginação, com o coração, a Jerusalém, onde, como diz o Salmo, estão as nossas fontes (cf. Sl 87, 7), e tenhamos um gesto de generosidade para com essas comunidades.

Saúdo-vos a todos, fiéis romanos e peregrinos de vários países. Em particular, saúdo os ciclistas que sofrem da doença de Parkinson que percorreram a Via Francígena de Pavia até Roma. Fostes velozes! Obrigado pelo vosso testemunho. Saúdo a Confraria de Nossa Senhora das Dores de Monte Castello di Vibio. Vejo que existe também uma Comunidade *Laudato si'*: obrigado pelo que fazeis; e obrigado pelo encontro de ontem aqui, com Carlo Petrini e todos os dirigentes que vão em frente nesta luta pela preservação da criação.

Saúdo todos vós, todos, de modo especial as famílias italianas que em agosto se dedicaram à hospitalidade dos peregrinos. Elas são muitas! Desejo a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!